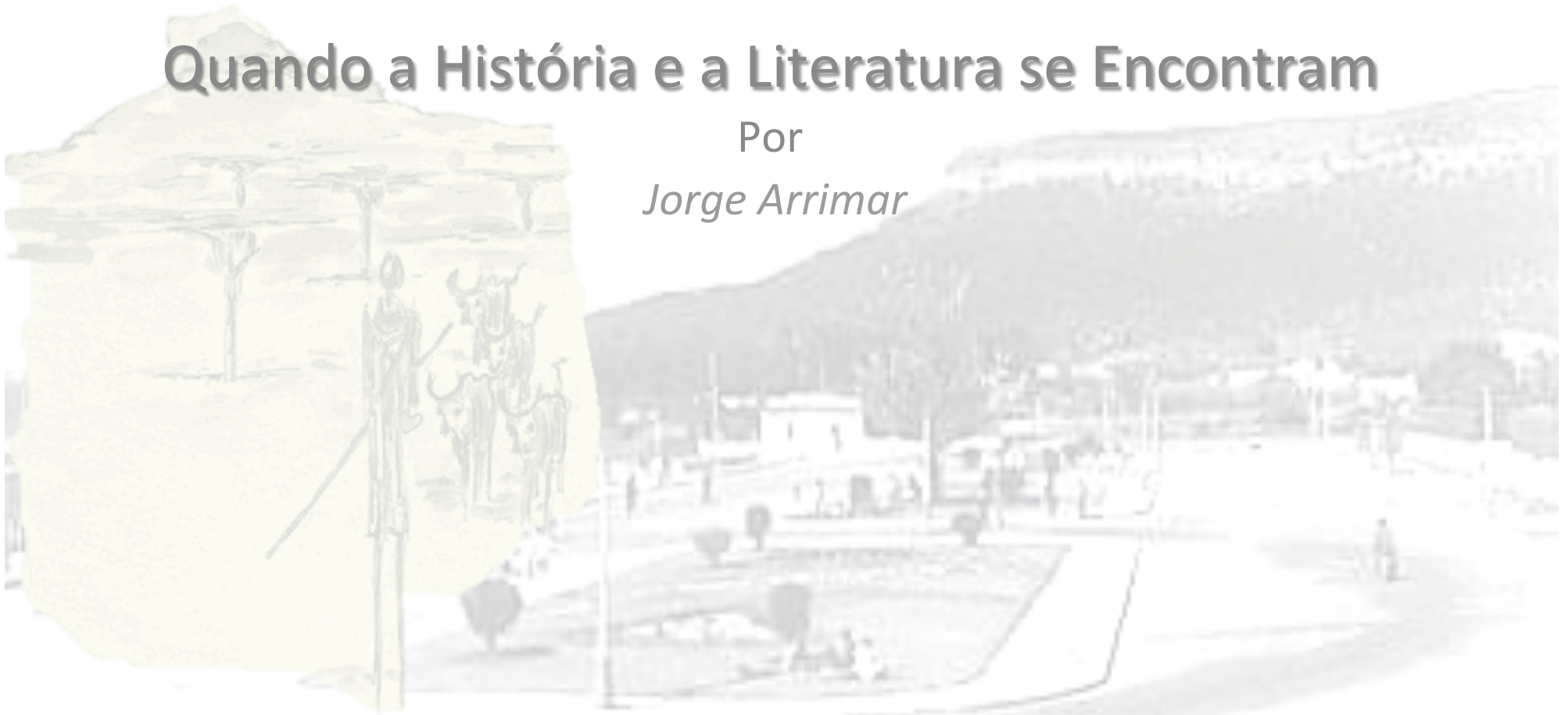


# O Planalto da Huíla

Quando a História e a Literatura se Encontram

Por

*Jorge Arrimar*

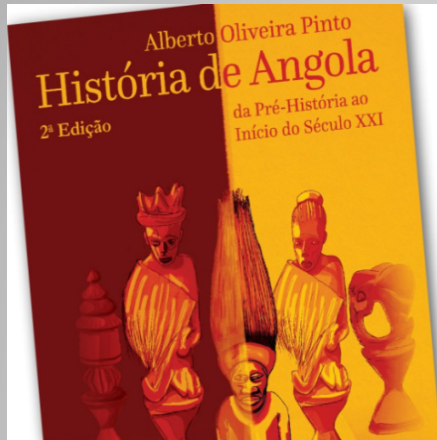


*Conferência “Pensar o Sudoeste”*

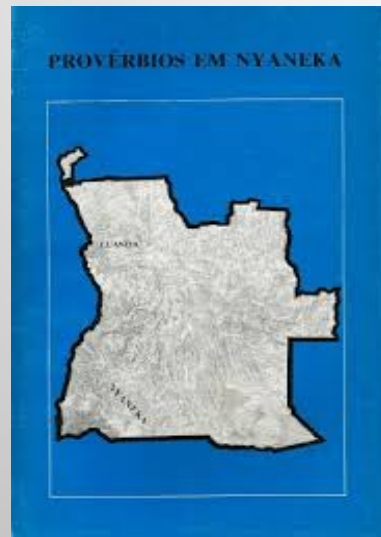
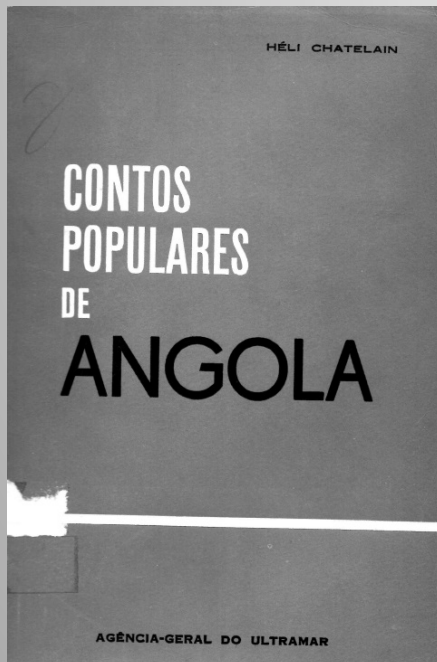
Lubango, 26 de Setembro de 2019

## [IMG 2]

### 1. A Oralidade - Janela da História e da Literatura



“[...] não é demais salientar que a minha construção historiográfica de Angola assentou nas dimensões política, económica, social e cultural [...]. Aos interesses económicos e políticos dos homens associam-se os imaginários e as representações”. (AOPinto – *História de Angola*, p. 24). E uma dos caminhos é a **oralidade**. Ora, acontece, por vezes, chegar o escritor primeiro do que o historiador a esse “veio”, a essa fonte primordial...



Boneca “carolo de milho” nhaneca-humbe (nyaneka-nkumbi), col. Museu de Etnologia de Lisboa

[IMG 3]



**Carlos Estermann**  
(1896 – 1976)





[IMG 4)

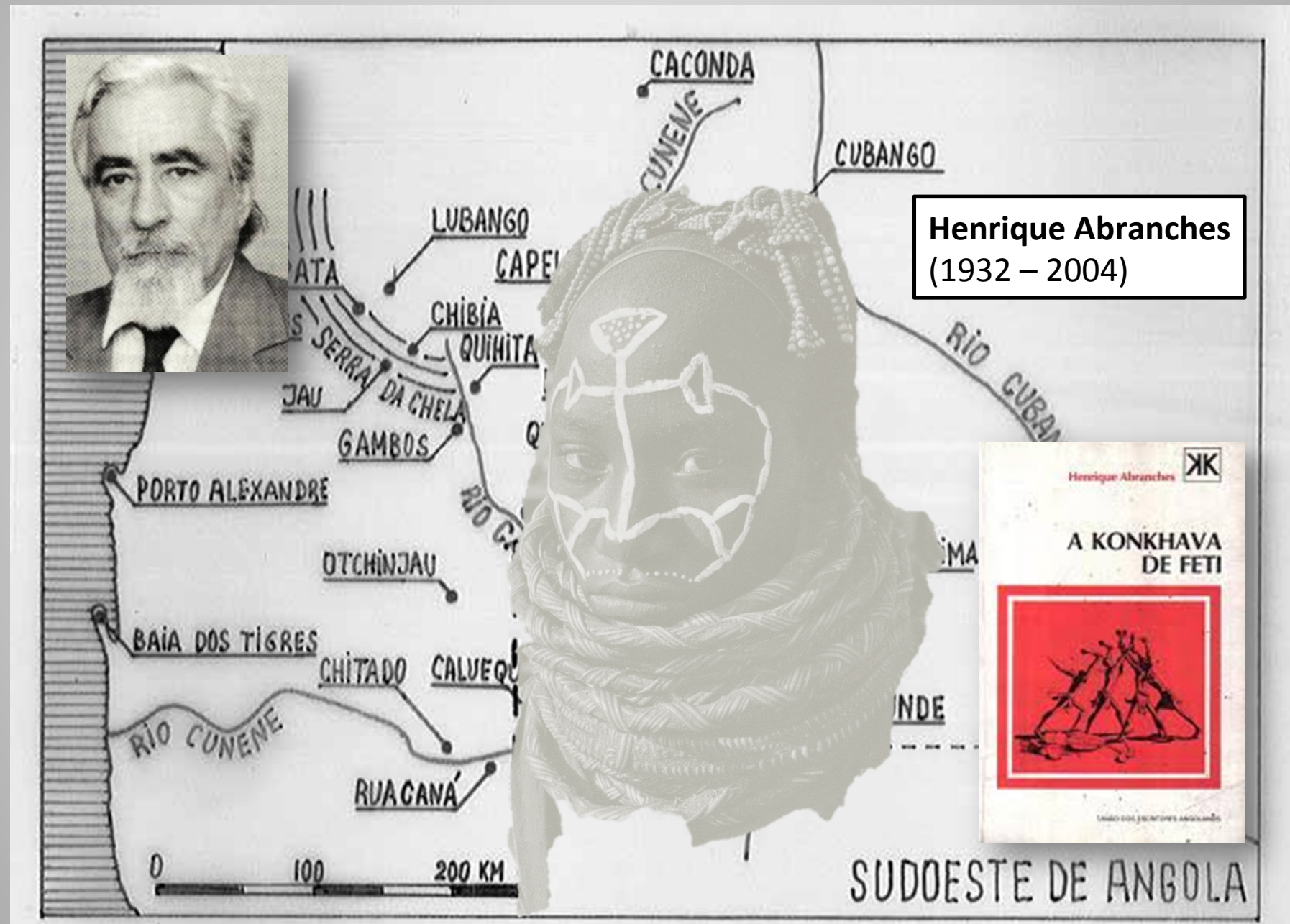
O padre Eugénio Dekindt, de nacionalidade belga, foi um notável botânico e linguista, tendo efectuado importantes estudos sobre os idiomas bantos do sul de Angola.

A Missão da Huíla foi fundada em 8 de Dez. de 1881

Pe. Dekindt e Pe. José M<sup>a</sup> Antunes, Huíla, c. 1900  
("Cadernos de África Contemporânea ", vol.1, nº. 1, 2018, p. 50)



[IMG 5]



**Henrique Abranches**  
(1932 – 2004)

SUDOESTE DE ANGOLA



[IMG 6]



Foto antiga do rio Tchimpumpunhime, Chibia. Ilustr. António Carmo do poema "Evimbi" em *Murilaonde* (1990), p. 50.



## [IMG 7]

Da tradição oral bebem os investigadores da história e embebedam-se os criadores de literatura.

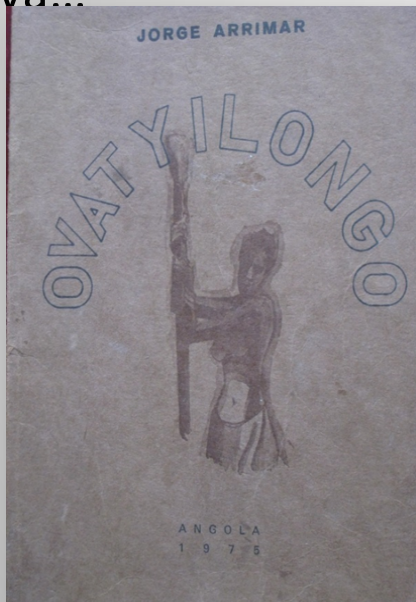
### *As Janelas das Raízes*

*Eu sei que as paredes grossas / da casa onde  
nascemos / se começaram a construir / no tempo de  
outras gerações. / E ambos descobrimos isso / quando  
gatinhávamos / pelas primeiras letras / dos livros mais  
antigos / que lhe serviam de alicerces. // Ainda os  
vemos de páginas abertas / no chão húmido da  
memória, / como se fossem as janelas / das raízes que  
nos suportam.*

(Jorge Arrimar, publ. na antologia *Ovi-Sungu : Treze Poetas de Angola*, S. Paulo, Brasil, 2007)

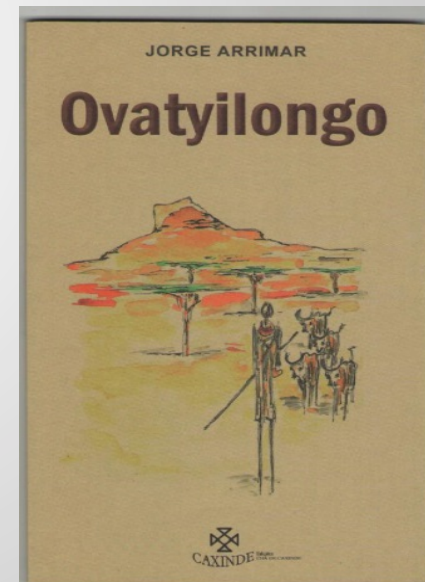
## [IMG 8]

Os esgares dos mbwale / eram terríveis / de ver! / Os ngangas do Lupolo / faziam okutakela / pra minha Imtumba morrer. // Mas nos encontramos mesmo / e dormimos juntos. / A noite cheirava a makau / que nos embriagava...



“Amor Twa é Proibido”, em *Ovatyilongo*

um espectro invadiu os teus olhos / quando o amor dançava sobre a cova / dos costumes velhos. [...] /, mas tinhas / a força do amor a empurrar-te para o lugar / de outro peito. E no madrugada lento // dum outro dia, percebemos que a onça / emprestara o seu hálito ao vento.



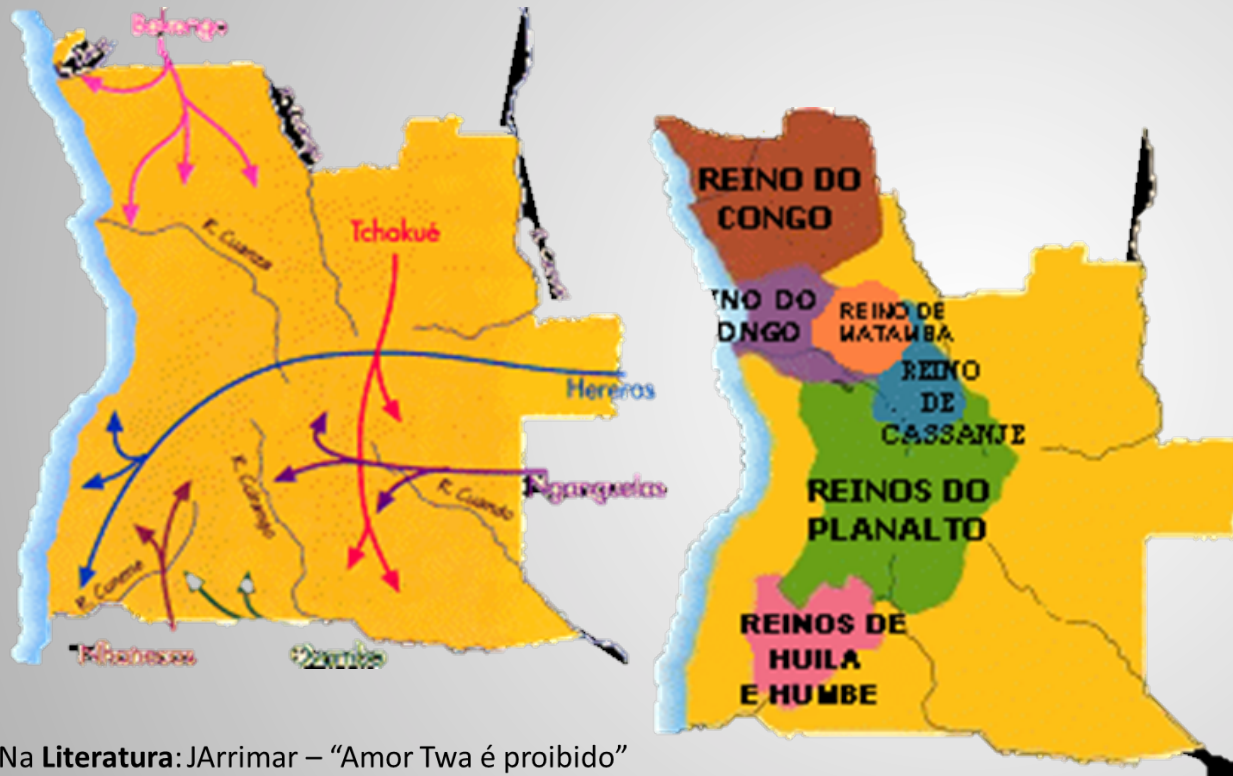
“Amor Proibido”, em *Ovatyilongo – Poesia da Terra* (2010)



[IMG 9]

## A Idade do Ferro – Os Povos Bantu

As **populações Bantu** chegaram a Angola após longas migrações iniciadas no 2º milénio a.C. a partir da África Central.



A metalurgia do ferro

Na **Literatura**: JArrimar – “Amor Twa é proibido”  
in *Ovatyilongo*, 1975 (poesia)

Ruy Duarte de Carvalho – *A terceira metade*,  
2009, p. 23 (romance)

Bantu – Ova-Nthu (pastores, agricultores e artesãos)

[IMG 10]

Bantu – Guerreiro  
Herero (Helelo)



Pré-Bantu - Cuissis do deserto do Namibe  
(<https://mossamedes-do-antigamente.blogspot.com/>)

Ongolo – a zebra



## [IMG 11]

**Pré-Bantu** é a denominação genérica dos povos que os Bantu encontraram quando, há cerca de 700 anos, começaram a chegar ao Sul, vindos da região dos grandes lagos, na África Central:

-Negros, os **Vatwa** (Cuissi, Kwepe)

-Não-Negros, os **!Kung** (Ova-Kwankala, Bochimanes, Saan) - de tez clara, fisicamente mais pequenos e com o cabelo em “grão de pimenta”.



**!Kung** – Ova-Kwankala, Ova-Sekele (Caçadores Recolectores)



**Vawa** – Cuissi, Kwisi (Caçadores Recolectores)

## [IMG 12]

*“Os pais da rapariga [...] foram informados da missão sagrada de Naulé e da honra que lhes caberia por fazerem parte do plano de Haimbili: o de salvar o seu povo de um tempo em que seriam governados por sobas não circuncidados, e, por isso mesmo, desprovidos da protecção dos antepassados. As consequência seriam devastadoras... as chimpacas de defesa do Cuanhama ficariam abertas ao voo do salalé e ao avanço do manhéu. [...]*

*(O Planalto do Salalé, p. 202)*



Cuanhama, 1907 (img de V. e Castro)



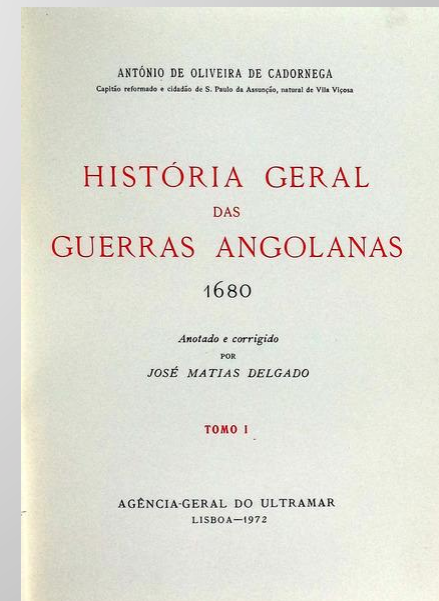
## [IMG 13]

Para o estudo da região da África Centro-Occidental durante o século XVII, mais especificamente Angola, existem dois textos importantíssimos:

1 *Istorica descrizione de' tre' Regni Congo, Matamba et Angola*, do capuchinho italiano Giovanni António Cavazzi de Montecuccolo, publicado na Itália em 1687. Versão portuguesa: *Descrição Histórica dos Três Reinos do Congo Matamba e Angola* Lisboa, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1965

2 *História geral das guerras angolanas*, escrita pelo militar português António de Oliveira de Cadornega, que permaneceu manuscrita até ao ano de 1940.

Ambos os textos são preciosas fontes para compreender melhor as sociedades, os espaços africanos e obter informações sobre as missões católicas e a administração portuguesa durante os séculos XVI e XVII na região.



[IMG 14]

## O Pombalismo em Angola

**D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho**, governador de Angola ( 1764-1772), ao perceber que as terras altas da Huíla possuíam um clima favorável à instalação de europeus, incentivou, a partir de 1767, a fixação de portugueses na **Oyla** (na grafia da época), numa povoação que entendeu criar e à qual deu o nome de **Alba Nova**



(n. Vila Viçosa, 28 Dez. 1726  
— m. Madrid, 6 Fev. 1780)



[IMG 15]



“um clamoroso cântico cavalgou nas chanas e mulolas num rugido que, ao ser devolvido pelo eco, criava arrepios na pele de quem se encontrava a assistir. A guerra preta de Gregório Mendes se aprontava para invadir o sertão...” (*O Planalto dos Pássaros*, p. 66)

## [IMG 16]

*“Jardim [...] Talvez não conseguisse nunca saber ao certo os verdadeiros motivos que o levavam [aquele homem a] rumar à Huíla que, até ele próprio, seu Capitão-Mor, ainda desconhecia. [...] Manuel Pinheiro [...] começou a referir-se ao seu projecto, [que] tinha a ver com um povo especial, os Jagas. Os Jagas?! Sim, os Jagas!, que eu conheci lá no Norte, em Kassanje. Soube que um grupo migrou para o Sul, há mais de 150 anos, tendo formado um poderoso reino, o **Humbe-Inene.**” (O Planalto dos Pássaros, p. 81-82)*



<https://colegiomoza.blogspot.com/2018/06/os-jagas.html>



[IMG 17]



*“O grande soba **Kanina Gongga** pertence ao clã dos Ova-kua-Tchikúio, os da Figueira Brava, possuidores do poder de fazer ou prender a chuva, cujos antepassados descansam no sagrado morro Tongo Tongo [...].*

*Uma jovem afasta com um rabo de guelengue as moscas que dão voltas molengonas em redor da cabeça do soberano que, numa postura distante, parece encontrar-se ausente dali. A certa altura olhou de soslaio o branco que o tinha ido visitar e não lhe pareceu mal a postura apresentada, discreta e respeitosa.*

*(O Planalto dos Pássaros, p.113)*

[IMG 18]

## Os Luso-Pernambucanos em Moçâmedes

Algumas famílias luso-pernambucanas, fugidas à "revolução praieira", foram levadas para Moçâmedes em 1849-50.

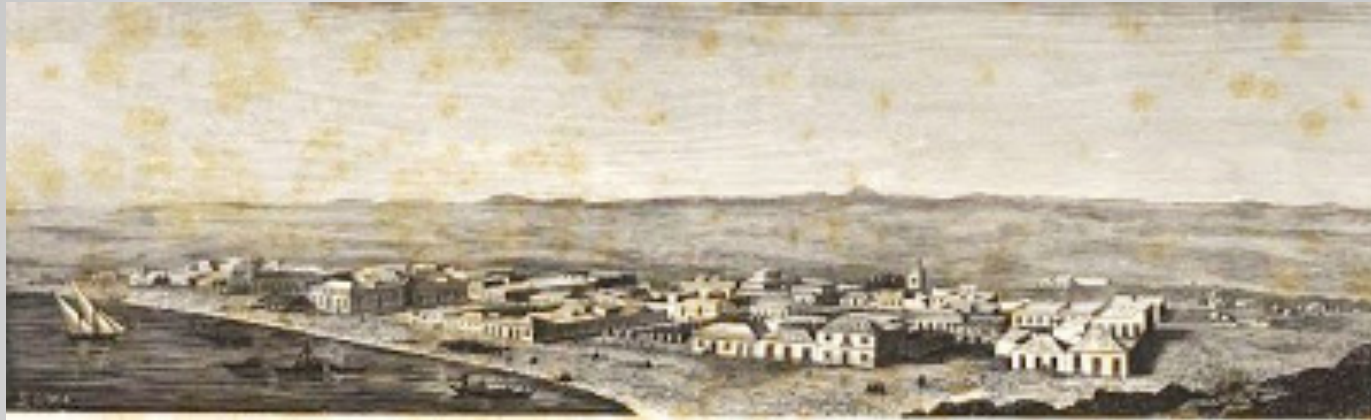


Foto: <http://mossamedes-do-antigamente.blogspot.pt>

Lideradas por Bernardino de Abreu e Castro fundearam em Moçâmedes com o fito de ali recriarem as fazendas pernambucanas que haviam deixado no Brasil.

Na **Literatura**: Jorge Arrimar - *O Planalto do salalé*

Pepetela – *Yaka*

Ruy Duarte de Carvalho – *Vou lá visitar pastores*, p. 17





[IMG 19]

## A Fundação de Moçamedes 1849-50

“Quatro meses passados, num dos primeiros dias do mês de Agosto, a barca ‘Tentativa Feliz’ chegava à baía de Mossamedes, com os tão aguardados pernambucanos”. (Jorge Arrimar - *O Planalto do salalé*, p. 160)

.....

“Emigraram para Angola [...] e escolheram Moçâmedes para fazer cana como tinham aprendido lá [em Pernambuco]. [...] A experiência nunca deu grande resultado, foi aqui em Benguela que deu.” (Pepetela – *Yaka*, p. 19)

.....

“[...] pequenas embarcações saíram directas de Portugal, carregando famílias e artes de pesca pelo Atlântico fora, quando o comércio e a agricultura dos vales do Bero e do Giraul [...] deram conta do manancial de peixe que a corrente fria de Benguela lhes garantia.” (Ruy Duarte de Carvalho – *Vou lá visitar pastores*, p. 17)

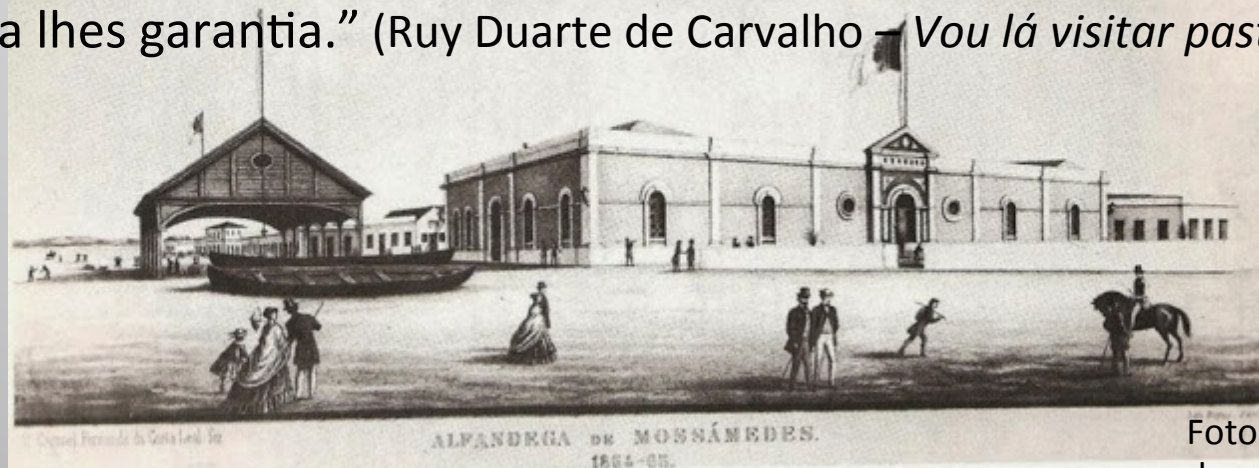


Foto: <http://mossamedes-do-antigamente.blogspot.pt>

[IMG 20]

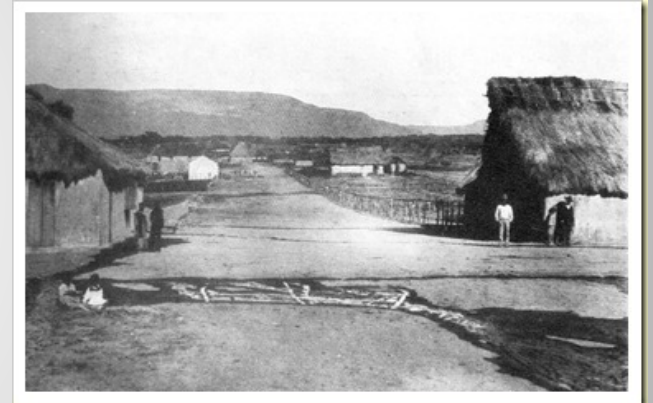
## As Terras Altas da Huíla - Bóers e Madeirenses

Os **bóeres** chegam ao Planalto em 1880 e solicitam a sua fixação na **Humpata**, cuja fundação oficial é de 19 de Jan. de 1881.

Entretanto começaram a chegar os **madeirenses**, a partir de 1884-1885.

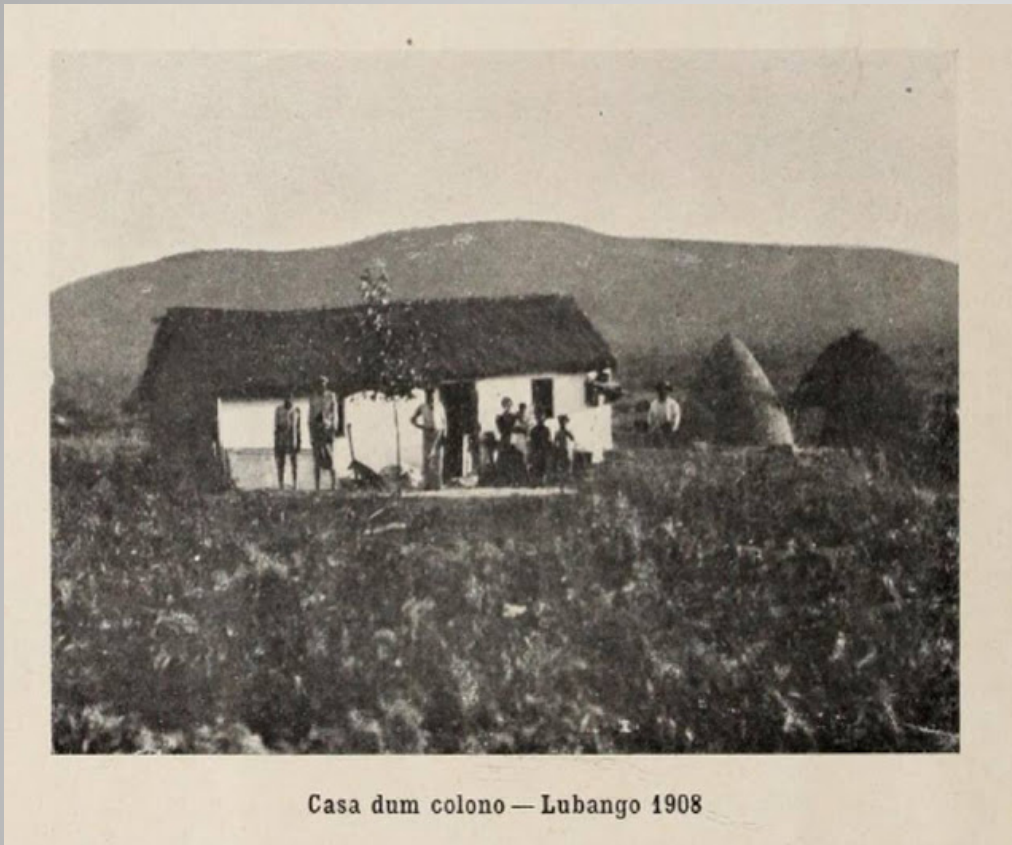
A maioria ficou no **Lubango**, alguns foram para a **Chibia** e outros para a **Humpata**.

Na **Literatura**: Pepetela – *O planalto e a estepe*;  
Jarrimar – *O planalto do kissonde*; Maurício Soares –  
*Casa de Sobrado*





[IMG 21]



<http://mossamedes-do-antigamente.blogspot.com/>

“Nasci no meio de rochedos. A casa, porém, era de adobe.

Casa de adobe com rochedos à volta. [...] a minha mãe era já de algumas gerações huilanas e nascera numa mais pequena que a nossa. [...] Primeiro teve capim como cobertura. Depois chapas de zinco. Finalmente telhas.

Houve progresso.

Nasci na fase intermédia, das chapas de zinco.”

(Pepetela – *O planalto e a estepe*, p. 12)



## Diversidade – Histórias de Vida

(TEDx 20 de Janeiro de 2018)

Desde 1975 que ovatyilongo (sim, **os da terra**, como se diz em olu-nyaneka) tem sido a chama, o fogo sagrado sempre aceso no tyoto da minha escrita. Nela a História e a Literatura têm marcado encontro... Napandula! Obrigado!